

Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

## D. VASCO DA GAMA. (1)

Procedem os Gamas de Alvaro Eannes da Gama, que serviu a el-rei D. Affonso III na conquista do Algarve, e foi ascendente de Estevão da Gama, natural de Olivença, alcaide-mór de Sines, avô de Estevão da Gama, alcaide-mór de Sines e de Silves, commendador do Seixal, criado do infante D. Fernando, pae de el-rei D. Manoel, e védor do principe D. Affonso, filho de el-rei D. João II. Casou com D. Isabel Sodré, de quem, no anno de 1469, nasceu, entre outros filhos, na villa de Sines, D. Vasco da Gama, que descobriu a India, no que ficou a par com Alexandre o Grande, se não é que o excedeu.

Vencido o imperio dos persas, em que se confundiram o médo e o babylonio, seguiu Alexandre Magno, então de 28 annos, a conquistar a India, e da grandeza do intento já se póde inferir que aprestos de armas não levaria; quantos homens de pé e de

(1) Ácerca de D. Vasco da Gama veja-se o opusculo intitulado — Os dois Requerimentos — pelo sr. abbade de Castro.

cavallo, apinhados aquelles nas profundas columnas, mais propriamente phalanges macedonicas: compunha-se cada uma de 16:384 combatentes com a longa *sarissa*, que as fazia inexpugnaveis, e sempre vencedoras. Comtudo, apesar do grande nome do chefe, e do terror que o precedia, no boato do vencimento em Arbélas, e incendio de Persepolis, ardua lhe foi a empreza, chegando elle a confessar, que tinha em fim achado um perigo digno do seu valor; e em seguida exclamando: Oh! athenienses, que trabalhos não passo, para que me louveis!

Seculos depois, saiu do Porto de Lisboa, com o mesmo fito na India, Vasco da Gama, em edade tambem de 28 annos, mas sem os precedentes de Alexandre. Levava, por todo exercito, 170 homens, os mais antes maritimos que soldados, e por alardo e ostentação de guerra tres frageis lenhos á cortezia das ondas e dos ventos. Accresce que Alexandre, ainda em vida de Filippe seu pae, tinha miudamente pesquizado os passos do itinerario; as distancias, as forças militares, usos, costumes e governo dos povos que já então sonhava dominar. O novo emprehendedor tudo isto ignorava; e o fim que se propunha era tão contingente, os riscos tão provaveis, que gelavam de susto aos mesmos que da praia o viam levar ancora. Os illudidos, porém, foram elles; pois, quando menos esperavam, dando-o já perdido com todos os companheiros, o viram entrar a barra, attonitos e ainda incredulos no mesmo que estavam presenciando.

Ao macedonio, foi-lhe esteril a empreza. Tanto apparato e luxo de conquista não deu mais em resultado, que o bom dito de um vencido, e a resposta magnanima do vencedor. Quando este morre, na partilha que entre si fazem os seus mesmos capitães, não apparece, a nenhum cabe a India. O portuguez, com tão exiguos meios, lançou as bases de um imperio, que chegou a ser egual, senão maior que o dos romanos. E para em tudo levar a palma, se Alexandre invejava em Achilles a dita de ser cantado por Homero, Vasco da Gama teve no seu paiz um outro Homero, que lhe votou os cantos immortaes dos Lusiadas.

O descobrimento da India já o havia intentado el-rei D. João II; já em seu tempo fôra reconhecido o cabo Tormentoso, que elle quiz se chamasse cabo da Boa-Esperança. Em 25 de outubro de 1495 herdou-lhe a coroa seu primo o infante D. Manoel, e com ella o tão vasto designio que assentou levar a effeito. Mas, com quanto firme n'este proposito, vacillava na escolha de quem fosse capaz de um tal commettimento; e n'esta incerteza, estando elle um dia a uma janella do paço, na villa de Estremoz, acertou de passar Vasco da Gama, e el-rei, que o viu, ou fosse presentimento, ou por informação anterior, logo o mandou chamar, e lhe disse: « Vasco da Gama, atrevias-te a entrar em uma empreza de grande difficuldade e perigo? » Ao que Vasco da Gama, com semblante alegre, e animo seguro, respondeu: « Não ha cousa que eu não possa emprehender por serviço de vossa alteza. D'alli teve principio o lustre e poderio a que chegaram os portuguezes, no encontro d'esses dois grandes genios, nascidos no mesmo anno para elevarem juntos a gloria e ventura da sua patria.

Vasco da Gama partiu, pela primeira vez, a demandar a India, em 8 de julho de 1497, e voltou a 29 de julho de 1499, entrando a foz do Tejo dois annos e vinte e um dias depois de a ter saido. Dos cento e setenta homens que levára nos tres navios chamados S. Gabriel, S. Raphael, e Berrio, trazia cincoenta e cinco. O que elle experimentou, ao avistar o cabo da Roca, expressam aquelles sentidos versos de Camões:

« Esta é a ditosa patria minha amada,
« A qual, se o Ceo me dá, que eu sem perigo
« Torne com esta empreza já acabada,
« Acabe-se esta luz alli commigo. » (¹)

E qual não seria o regozijo e assombro de todos os lisbonenses, mórmente el-rei D. Manoel! O grande problema da navegação, a passagem pelo cabo, estava, pois, resolvido; e Veneza decaia do seu poder maritimo, resignando em Lisboa o sceptro e o emporio de todo o commercio do Oriente, que até alli se fazia pelo estreito de Babelmandel e o isthmo de Suez.

Agraciou el-rei ao argonauta, conferindo-lhe que elle e seus irmãos se chamassem de *Dom*, e que no escudo das suas armas acrescentasse um escudete das armas reaes, e por timbre um naire, da cintura para cima, vestido ao modo da India, tendo na mão um escudo das mesmas armas. Fez-lhe tambem a mercê do officio de almirante dos mares do Oriente, com 300$000 réis de renda, e que podesse em cada anno empregar n'aquelle trafico 200 cruzados em mercadorias; tudo isto de juro, com o titulo de conde da Vidigueira.

Foi por esta occasião que el-rei D. Manoel accrescentou á sua coroa os titulos de *Senhor da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India*. Tambem, a fim de perpetuar esta memoria, mandou cunhar duas moedas: uma de ouro de 24 quilates com o valor de 10 cruzados, ou 4$000 réis, e o peso de 10 oitavas, menos um quarto; a esta moeda chamou *Portuguezes*: outra de prata de lei de 15 dinheiros, dos quaes 70 faziam um marco, e valiam 33 réis cada uma; a esta chamou *Indios*.

Segundou Vasco da Gama, em 30 de janeiro de 1502, a viagem da India; e voltou no 1.º de setembro de 1503, trazendo na sua conserva seis navios em que vinham thesouros de alto preço.

Em 9 de abril de 1524 commetteu a sua terceira viagem, indo por viso-rei; d'esta não houve regresso. A 25 de dezembro d'esse anno morreu na cidade de Cochim, com 55 annos de edade, e 27 de serviços dignos de eterna fama. Foi o seu corpo depositado na egreja de S. Francisco, d'onde em 1538 vieram os seus ossos trasladados (como ordenára em testamento) por um de seus filhos, para o convento de Nossa Senhora das Reliquias, de carmelitas calçados, na villa da Vidigueira, e jazem na capella-mór, do lado da epistola, com a seguinte inscripção:

*Aqui jaz o grande Argonauta D. Vasco da Gama, 1.º Conde da Vidigueira, Almirante da India, e seu famoso descobridor.*

Resumem estas breves palavras, que D. Vasco da Gama, para engrandecer a sua patria, dobrou cinco vezes o cabo da Boa-Esperança, domando a braveza do Oceano, e cortando-o na distancia de mais de tres mil legoas; que descobriu a Angra de Santa Helena, a Terra do Natal, as serras de Calecut, o rio dos Reis e o dos Bons Sinaes, com a ilha de Moçambique, e as cidades de Mombaça e Melinde. Fez tributario á coroa de Portugal o rei de Quiloa, em quinhentos miticaes de ouro. (²) Estabeleceu o commercio; celebrou pazes e firmou tratados de amizade com os maiores potentados do Oriente; e, em fim, por seus desvelos e fadigas, pelo seu caracter guerreiro e politico, trouxe a estes reinos tanta prosperidade, que chegou a estimar-se n'elles mais a prata que o ouro, e este quasi tão pouco como o cobre: facto incrivel, porém verdadei-

(¹) Lusiad. cant. III. st. XXI.

(²) De que se fez a custodia que el-rei D. Manoel offereceu a Nossa Senhora de Belem, e cujo desenho daremos brevemente.

ro. A sua fama não carece de estatua, subsiste em dois monumentos qual d'elles mais sublime e duravel: um está no mundo social, todo luz e harmonia, com o seu cortejo de naires, de heroes e divindades; é o poema dos Lusiadas: o outro, agreste e solitario, demora além do Atlantico, assenta nos abysmos, e entra com a fronte pelas nuvens; é o cabo da Boa-Esperança.

Corre por tradição na villa da Vidigueira, que o sino que bate as horas no relogio é o da embarcação em que D. Vasco da Gama dobrou a primeira vez o cabo; e na quinta que elle fez no logar da Arrentela, ao sul do Tejo, e que hoje chamam do Salema, ainda se conservam objectos trazidos da India pelo proprio D. Vasco da Gama, e cedros plantados em sua vida. Estas memorias tambem tem o seu preço; fundam-se na gratidão dos povos, que as conservam com amor e respeito.

D. Vasco da Gama nasceu em Sines, como dissemos; porém foi criado na cidade de Evora, onde viveu, e morou nas casas que chamavam pintadas, por elle as ter mandado pintar, depois que veiu da India em 1499, fazendo alli debuxar as arvores e animaes d'aquellas novas terras; o que sendo para outrem objectos de mera curiosidade, para elle eram brazões. N'estas casas foi feito conde da Vidigueira, e viso-rei da India, e n'ellas casou com D. Catharina de Attayde, filha de Alvaro de Attayde, senhor de Penacova, de cujo consorcio procedem muitas casas titulares, e nomeadamente a esclarecida dos marquezes de Niza, chefe e representante dos Gamas.

Segundo as memorias do tempo, era D. Vasco da Gama de meã estatura, algum tanto nutrido, de genio cavalleiroso, ousado para qualquer grande feito, e assaz para temer em qualquer paixão; soffredor de trabalho, e mui inflexivel no castigo de culpas em cumprimento da justiça. Deixou escripta uma relação da sua viagem á India no anno de 1497.

O retrato que apresenta esta folha é copia de um quadro que possue o exm.º sr. conde do Farrobo, pintado a oleo por Christovão de Utrecht, que exercitou a sua arte no reinado de el-rei D. João III; tempo que ainda alcançou o grande almirante, nos seus ultimos annos.

---

## IDA PFEIFFER.

II.

Viagem a S. Miguel. — Ponta-delgada. — Costumes antigos singulares. — Villa-franca. — Ilheu. — Banhos das Furnas. — Fontes quentes. — Partida de S. Miguel. — Entrada no Tejo. — Lisboa.

Antes de voltar á patria desejava visitar um de meus filhos, que estava em S. Miguel, uma das ilhas dos Açores.

Por muito tempo procurei occasião de o fazer. Por fim fui recebida a bordo d'uma d'estas pequenas escunas, que todos os annos sáem dos portos d'Inglaterra, em numero de duzentas, para S. Miguel, á procura de laranja. Estas embarcações não tem a menor accommodação para receber passageiros. O proprio capitão Livington me disse que não podia offerecer-me a menor commodidade, mas que me cederia, se eu quizesse, um pequeno logar em que o cozinheiro dormia. Que fazer? Querendo absolutamente ir a S. Miguel, fui superior a estas contrariedades, e decidi-me a emprehender a viagem, que infelizmente durou vinte dias. Em todo este longo tempo, não pude nem mesmo despir-me uma unica vez, impedida pela exiguidade do espaço em que estava encerrada. Juntae a isto o terrivel rolar do pequeno navio por um mar quasi sempre encapellado, o vapor do carvão da fuminé, o máo ar que respirava no meu escondrijo, que o frio e o temporal me obrigavam a ter sempre fechado, e vereis se não devia temer que não chegassemos nunca a S. Miguel!

Em 31 de dezembro estavamos á vista da encantadora ilha, que é a maior do grupo dos Açores, que se compõe de nove ilhas.

Embalava-me já a doce esperança de celebrar o dia de S. Silvestre com meu filho, que havia seis annos não via; mas os ventos sempre contrarios nos obrigaram a bordejar por aqui e por alli, e mesmo a fazer-nos ao largo quando veiu a noite.

No primeiro de janeiro, ainda que soprasse com violencia, chegámos a aproximar-nos da capital, Ponta-delgada. Vimos o escaler do medico da saude sair do porto, e encaminhar-se para nós á força de remos, e pensámos que nada se opporia ao nosso desembarque. Mas que dolorosa surpreza nos esperava! Annunciaram-nos que por causa do cholera, que desde muito tempo estava extincto em Inglaterra, tinhamos a fazer muitos dias de quarentena.

Facilmente se comprehende qual seria o nosso desapontamento! Felizmente o medico tornou no dia seguinte, 2 de janeiro, e disse que a quarentena estava levantada, e nós livres.

Soube mais tarde que no mesmo dia da nossa chegada (1.º de janeiro) e pouco antes d'ella, um navio de Lisboa trouxera á repartição de saude a noticia official de que acabára a quarentena para a nossa procedencia. Diziam-me que ás dez horas da manhã todas as cartas e jornaes estavam distribuidos, e por consequencia que as ordens officiaes deviam ser conhecidas. Não sei, pois, se foi por negligencia, que o medico não abriu os officios, ou se foi por outra qualquer razão, que occultou scientemente o que elles continham. O que sei é que cada visita de navio lhe rende bem, e que d'este modo achára meio de fazer duas visitas, uma para declarar o navio em quarentena, e outra para lh'a levantar. Que isto fosse por negligencia, ou por cubiça, sempre o procedimento é imperdoavel, principalmente n'um logar sem porto d'abrigo, e onde de inverno as tempestades subitas e prolongadas obstam, até semanas inteiras, de communicar com a terra. O que mais me surprehendeu n'este negocio foi, que ninguem, nem mesmo o consul inglez, entenderam dever pedir ao medico da saude, satisfação do seu procedimento.

A ilha de S. Miguel é mui bonita, semeada aqui e alli, n'uma desordem encantadora, de collinas e montanhas cobertas de fresca verdura. Á primeira vista reconhece-se que a ilha é de origem volcanica: prova-o a configuração das montanhas, a côr das costas, formadas de extractos de cinzas e lavas. Não existe já nenhuma cratera em actividade. Deve crer-se que os volcões estejam extinctos ha muito tempo, porque a lava endureceu por tal modo, que se tornou como pedra, e quasi por toda a parte está já coberta por uma camada de terra sufficientemente espessa, para que crie laranjaes, e os mais bellos trigos do mundo.

A ilha tem dezoito legoas de comprido, tres ou quatro de largo, e uma população de 90,000 almas. O commercio de S. Miguel é mais consideravel do que o podia fazer presumir a pouca extensão do seu territorio. O principal objecto de exportação são laranjas, de que exportará todos os annos de 120 a 140 mil caixas, cada uma com 800 laranjas, termo medio, o que produz o total enorme de mais de 100 milhões de fructos. Todos os annos, desde novembro até fins de março, chegam a S. Miguel mais de duzentos navios inglezes para carregar fruta. Toda esta laranja vae para Inglaterra, um só navio para Ham-

burgo, e uma ou duas carregações para os Estados-Unidos.

Depois da fruta, o artigo mais importante é o milho. Tambem exporta muitas especies de grãos e de favas. Em geral perto de 450 embarcações aportam áquella ilha, cuja exportação annual é de 500 contos de réis ou 900:000 libras esterlinas.

A despeito d'este commercio consideravel, o povo é mui pobre, o que nasce particularmente de que o cultivador, em logar de ser proprietario do solo, é apenas rendeiro, e não por toda a vida, mas apenas por mui limitado numero de annos.

Não ha muito que dizer da pequena cidade de Ponta-delgada, que conta 12,000 ou 16,000 almas, comprehendendo as cercanias. O estilo de construcção parece-se com o da Europa; as casas, pela maior parte, pouco notaveis, tem pequenas varandas, e chaminés excessivamente grandes e largas. Não podia comprehender a utilidade d'estes grandes conductores de fumo, tanto mais quanto não ha nas casas outro fumo senão o da cosinha. Com grande pena minha soube que não usavam fogões, e entretanto o inverno de novembro a março não deixa de ser soffrivelmente aspero, chuvoso, e tempestuoso. Tive a infelicidade, segundo me diziam, de encontrar inverno muito mais rigoroso que de costume, o que me fez padecer muito de frio. Entretanto não houve nem neve nem gelo; para os haver bastavam mais alguns gráos. Havia alli terriveis temporaes: dias bellos eram raros: mesmo no começo do mez de maio o calor não era muito maior que na minha patria. O que provava que a temperatura não devia ser sempre tão aspera, era, independentemente da laranja, muitos outros fructos da zona torrida. A banana amadurece perfeitamente em S. Miguel. O ananaz produz em estufas, sem necessidade de calor, e chega a uma grossura extraordinaria. Uma dama portugueza, esposa do sr. dr. Agostinho Machado, mandou-me um, que ultrapassava em grossura quantos tinha visto nas Indias, mas não era tão agradavel ao paladar. Os legumes da Europa, taes como rabanetes, couves, feijões, ervilhas, e outros, dão-se alli sem que seja preciso tratal-os com grande cuidado.

Os habitantes dos Açores, descendentes dos portuguezes, tem bellos olhos e bellos cabellos pretos. Em S. Miguel encontrei o contrario do que encontrára por todas as outras partes: o povo é melhor que a classe superior. Esta veste á franceza: o povo, á excepção da cabeça, veste como os europeus. O que os homens põe na cabeça, é um casco redondo e baixo, de panno, com uma lua excessivamente grande, retorcida nas pontas, de modo mui comico. A parte posterior do casco é rodeada de uma banda de panno ou veludo de oito a dez pollegadas de largo, que cáe sobre as espadoas, e preserva o pescoço do sol e da chuva. Com que as mulheres cobrem a cabeça é ainda mais grutesco: é um capello de panno azul da altura de perto de dez pollegadas, e certamente do comprimento de pé e meio, ao qual dão, por meio de uma forte barba de baléa, a feição, pouco mais ou menos, de uma gigantesca crista de gallo. Independentemente d'este engenhoso capello, trazem ainda por cima dos vestidos europeus um longo e pezado capote, como de homem, que é geralmente de panno azul, e desce dos hombros até ao chão, e que trazem sempre, mesmo durante o maior calor. Este trage extravagante e ridiculo tem de mais o inconveniente de que nem a mãe póde reconhecer a filha debaixo d'este rebuço, porque o grande capello que cobre a cabeça se fecha por diante, de modo que nada ou quasi nada deixa ver do rosto; e os capotes parecem-se todos. Uma mulher do povo não sáe á rua sem capote e sem capello: economisam real a real para chegar a ter este magnifico trage. A que é tão infeliz que o não possua, aluga-o ou pede-o emprestado á amiga.

Costume não menos admiravel n'esta terra é que, senhora moça, ou menina, não póde sair só: nunca vereis uma criada atravessar a rua, e menos ir procurar ou comprar alguma cousa. Em cada casa ha criado encarregado de fazer as compras e recados. Lastimei sinceramente estas pobres criadas enclausuradas como em prisão: quando não tem alguma boa parenta velha, que por caridade as acompanhe, de tempo a tempo, a tomar ar, podem ficar todo o anno em casa, que nem mesmo ao domingo podem ir sós á egreja.

Em geral, pelo que me contaram, havia alli, ainda, ha quarenta annos, costumes singulares, mesmo nas classes elevadas.

Assim, quando uma dama queria visitar outra, mandava por um criado aviso de vespera, dizendo-lhe que a uma hora fixa passaria de sege por diante da sua casa. Á hora aprazada ía de ponto em branco com as cortinas da sege hermeticamente fechadas. A amiga tambem a esperava com a janella fechada. Quando a sege chegava diante da casa, parava um momento; de um lado abria-se o postigo da sege, e do outro a vidraça da janella, e mal as duas damas se tinham comprimentado, fechavam-se postigo e janella, e a sege partia. (1)

Nos tempos de que fallo, as damas, ao que parece, temiam tanto achar-se na presença dos homens, que lhes não era permittido assistirem ás visitas das senhoras. Se uma dama ía ver uma das suas amigas, e por acaso encontrava com a dona da casa um homem, inda que fosse parente, ou a visitante se retirava logo zangada, ou a amiga pedia ao homem o favor de se retirar.

Ainda hoje as cousas se passam muito mais ridiculamente nos bailes particulares, que bailes publicos é coisa que nunca alli dão. As damas convidadas não tomam parte na dança, mas conservam-se com as senhoras e meninas da casa, em quarto contiguo áquelle em que se dança. Estão alli sem luz, para não serem vistas dos homens, que dançam com as criadas da casa e com as de fóra, convidadas por quem dá o baile. (2)

Estive alguns mezes em S. Miguel; além de alguns mezes nos arredores, fiz uma excursão aos banhos das *Furnas*, a nove legoas de Ponta-delgada, celebres pelas suas fontes thermaes. A alta sociedade da ilha passa alli todos os annos algumas semanas, ou mezes, menos para se banhar, que para se divertir, costume mui geral em todos os banhos.

Fizemos esta pequena excursão ao modo da terra, em burros, passando por Villa Franca, a cinco leguas de Ponta-delgada, seguindo a beira-mar. Villa Franca é uma pequena villa, tão agradavelmente situada como Ponta-delgada. Passámos a noite em casa do sr. Gago, onde tudo estava bem disposto para nos receber.

*(Continúa).*

---

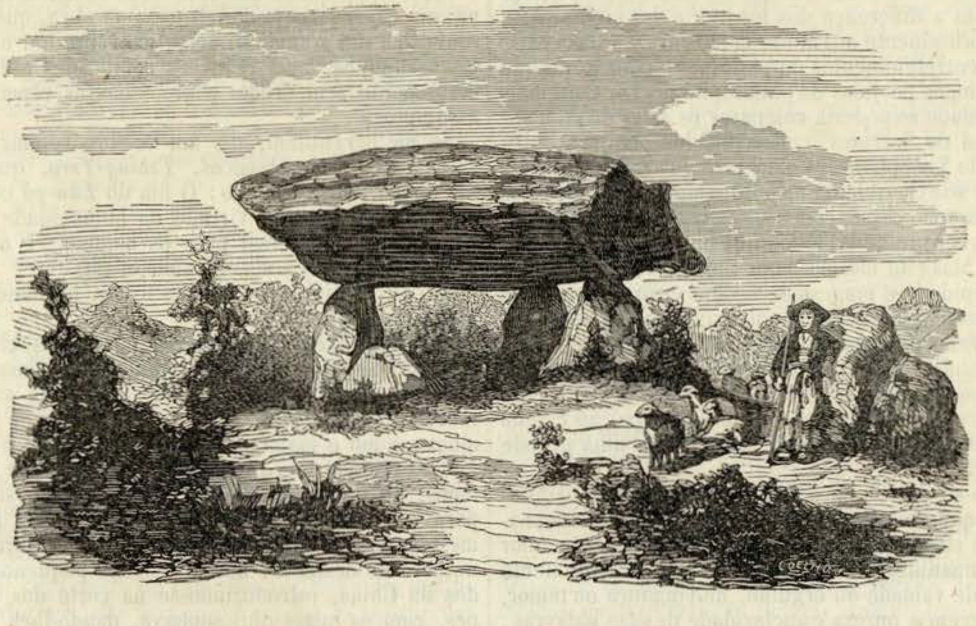
Os ignorantes não sabem tirar partido dos bens e dos males que o destino lhes envia; os sabios, ao contrario, colhem vantagens de todos os accidentes ainda os mais oppostos á vida, similhantemente ás abelhas que tiram do rosmaninho o mel mais excellente.

(1) Informação falsa. — *(Nota do traductor).*

(2) Informação egualmente falsa. Absolutamente inexacta, se allude a reuniões de gente de certa ordem, e só parcialmente verdadeira, se se refere a divertimentos populares. — *(Nota do traductor).*

## PEDRAS SAGRADAS.

As primeiras pedras sagradas foram, provavelmente, aerolithos. Julgava-se que os deuses as enviavam á terra, n'um globo de fogo, para n'ellas residirem entre os homens, razão porque se reputavam animadas e lhes chamavam *pedras vivas*. Os gregos davam-lhes o nome de Bétyles, ligeira alteração das palavras *Beth-El* (casa de Deus, casa do Forte). Muito antes da nascença de Jacob, as Bétyles eram o objecto de um culto na Chaldea, como claramente prova Falconnet, contra Bochart, Vossius, Selden, Huet, e outros que sobre este assumpto hão escripto. Os chaldeos, adoradores dos astros e do fogo, olhavam os aerolithos como astros, segundo o que nos diz o antigo historiador Sanchomaton, anterior, talvez, a Moysés. Tudo quanto nós sabemos das religiões da Asia occidental prova-nos que, desde a mais remota antiguidade, uma multidão de divindades se representavam por aerolithos, taes como Elagabal (divindade da Syria adorada na cidade d'Emesa, sob a forma de uma grande pedra negra e conica, aerolitho sem duvida), o Manah, o Dysares dos arabes, a lua na Caaba, etc. etc. Sabemos que a fórma conica era o symbolo affecto ao fogo celeste e ao sol. Muitos aerolithos apresentam esta fórma, pelo que somos levados a crer que estes foram especialmente consagrados ao sol, principio masculino e activo do universo. As pedras quadradas, ou mais afastadas da figura prysmatica, identificavam-se á terra, elemento feminino e passivo, considerado, por outro lado, como a base e o fundamento do mundo, opinião que, n'um quadro resumido, poderiamos robustecer com um grande numero de factos. Em todas estas circunstancias se prevê as relações dos aerolithos com os obeliscos, com as pyramides, com as columnas, etc., que desde as margens do Ganges, do Euphrates e do Nilo, até ás ilhas Canarias e America, se elevam como symbolos do fogo creador e fecundador. O culto das Bétyles passou da Asia para a Grecia, e, n'esta ultima, honravam-se absolutamente



Dolmen.

como nas margens do Jordão, isto é, arrosavam-se de oleo. Um curioso trecho de Plino (*Hist. nat.*, lib. xxxvii, cap. 9) diz-nos que se lhes attribuia o poder de fazer ganhar batalhas sobre a terra e no mar. Ligava-se muita importancia aos sulcos de que são cobertas, os quaes se tomavam por uma escripta divina, superstição que, até certo ponto, poderia ter influido sobre a escolha das pedras destinadas aos altares, e sobre as quaes o escopro jámais devia passar.

M. Michaud, durante a sua viagem no Oriente, achou, na Mésopotamia, uma d'estas Bétyles que merece menção particular. É ovada, preta, e de um pé, pouco mais ou menos, de comprimento. A parte superior, em torno da qual se enrosca uma serpente, está coberta de esculpturas. N'estas se distingue tres asterismos, uma figura humana, animaes monstruosos, dois passaros e uma barca. A parte inferior contém uma inscripção cuneiforme, que encerra, sem duvida, a explicação das figuras. M. Raoul Rochette julga que este curioso monumento faz allusão ao diluvio de Xissutr. É uma pura supposição d'este sabio, mas será muito difficil fazer outra mais verosimil.

A veneração de que as Bétyles eram objecto, estendeu-se tambem sobre outros monolithos de fórma e côr similhantes, e nas quaes se suppunha, talvez, a mesma origem. Estes monolithos foram tomados por testimunhas e depositarios vigilantes dos juramentos e allianças. A *Biblia*, quadro precioso dos costumes da baixa Asia nos primeiros seculos historicos, faz amiudadas vezes menção d'elles, dando-lhes o nome de *pedras de testimunho* ou de *commemoração*. No tempo de Strabo (liv. xvii) viam-se muitas d'estas pedras no Egypto e Arabia; eram pretas, cylindricas e collocadas a prumo sobre pedestaes, asserção confirmada pelos viajantes modernos, que hão achado um grande numero. Apulea diz-nos que até nas montanhas do Libano as havia; que ahi as beijavam, se prostravam defronte d'ellas, e as untavam d'oleo. Tavernier encontrou algumas na India. Cook e Anson viram-as nas ilhas do mar do sul. Estas pedras commemoratorias eram tão sagradas, que as faziam presidir ás eleições dos reis. Achâmos exemplos na coroação d'Abimélech e Adonijah.

Os *Dolmens* (de *daul*, mesa, e *men*, pedra), ou *pedras alçadas*, que a nossa estampa representa, pertenciam á familia das pedras adoradas, e eram enormes mesas de pedra collocadas horisontalmente sobre outras pedras cravadas na terra, em numero de tres, ordinariamente. Estes monumentos são mais communs que os precedentes. Serviam de templos e altares. Em algumas tem-se achado covas em fórma de taças, que se julga haverem servido para aparar o sangue das victimas. Mas as ossadas descobertas debaixo de muitos *Dolmens* levam muitos sabios a olhal-as como tumulos.

---

## BELLEZAS DA DOUTRINA DE CONFUCIO E MENCIO.

(Continuação).

3.° O LUN-YU, ou OS ENTRETENIMENTOS PHILOSOPHICOS. A leitura d'estes *Entretenimentos philosophicos* de KHOUNG-TSEU e de seus discipulos lembra, sob algumas relações, os dialogos de Platão, nos quaes Socrates, seu mestre, occupa o primeiro plano, mas com toda a differença dos logares e das civilisações. Ha rigorosamente ahi muito menos arte, se esta existe nos entretenimentos do philosopho chinez, do que nos dialogos poeticos do philosopho grego. Com mais propriedade se poderia comparar os *ditos* de KHOUNG-TSEU aos de Socrates, colleccionados pelo seu outro discipulo Xenophonte. Como quer que seja, a impressão que se experimenta na leitura dos *Entretenimentos* do philosopho chinez com seus discipulos, não é menor nem menos profunda, ainda que um pouco monotona, talvez. Mas esta mesma monotonia tem alguma cousa da serenidade e magestade de um ensino moral que faz passar successivamente debaixo dos olhos as diversas fases da natureza humana, contemplando-a de uma região superior. E depois da leitura póde-se dizer, como o philosopho chinez: «Todo o que se entrega, com perseverança e sem descanço, ao estudo da verdade e do bem, não experimenta uma grande satisfação? (1)

Póde-se dizer que é nos *Entretenimentos philosophicos* que se nos revela a bella alma de KHOUNG-TSEU, a sua paixão pela virtude, o seu ardente amor pela humanidade e felicidade dos povos. Sentimento algum de vaidade ou orgulho, de vingança ou temor, obscurecem a pureza e auctoridade de suas palavras: «Eu não nasci dotado de sciencia, diz elle; sou um homem que ama os antigos, e que há feito todos os esforços para adquirir seus conhecimentos.» (2)

«Era completamente isento de quatro cousas, dizem seus discipulos: não tinha amor-proprio, nem prejuizos, nem egoismo, nem obstinação.» (3) O estudo, isto é, a indagação da verdade, do bem, da virtude, era para elle o melhor meio de aperfeiçoamento. «Tenho passado, dizia elle, dias inteiros sem comer, noites inteiras sem dormir, para me entregar á meditação, e isto sem utilidade real: o estudo é muito preferivel.»

E accrescentava: «O homem superior não se occupa senão do recto caminho, e não de beber e comer. Se vós cultivaes a terra, a fome acha-se muitas vezes no meio de vós; se vós estudaes, a felicidade acha-se no proprio seio do estudo. O homem superior não se inquieta senão por chegar ao recto caminho; não se inquieta pela pobreza.» (4)

Com que admiração falla elle de um dos seus discipulos, que, no seio de todas as privações, se applicava com a mesma perseverança ao estudo da sabedoria!

«Oh! como *Hoei* era sabio! Tinha um vaso de bambú para a sua comida, uma simples taça para beber, e morava n'um humilde refugio de uma rua estreita e abandonada; um outro homem não poderia supportar as suas privações e soffrimentos. Comtudo, isto não mudava a serenidade de *Hoei!* Oh! como *Hoei* era sabio!» (1)

Assim como honrava a pobreza, stygmatisava energicamente a vida material, ociosa e inutil. «Aquelles que não fazem senão beber e comer, durante todo o dia, dizia elle, sem empregar a sua intelligencia em qualquer objecto digno d'ella, fazem piedade.» (2)

Sabe-se muito bem que os philosophos gregos tinham duas doutrinas, uma publica, outra secreta; uma para o vulgar *(profanum vulgus)*, e outra para os iniciados. A respeito de KHOUNG-TSEU não se dá o mesmo, porque elle declara que não ha doutrina secreta. «Credes, meus discipulos, que eu tenha para vós doutrinas occultas? Eu não tenho doutrinas occultas. Não hei feito cousa alguma que não vos tenha communicado, ó meus discipulos!»

Seria muito difficil dar uma idéa summaria do *Lûn-yù*, em consequencia da natureza da obra, que apresenta não um tratado systematico sobre um ou muitos assumptos, mas reflexões conduzidas até a um certo ponto sem ordem sobre todas as especies de assumptos.

Se me perguntam, diz um celebre commentador chinez dos livros classicos, *Tching-Tseu*, qual é o fim do *Lûn-yù*, respondo: O fim do *Lûn-yù* consiste em fazer conhecer a virtude da humanidade ou da benevolencia universal para os homens; é o ponto principal dos discursos de KHOUNG-TSEU.

O *Lûn-yù* divide-se em dois livros, formando juntos vinte capitulos.

4.° MENG-TSEU. Este quarto dos livros classicos tem o nome do seu auctor, philosopho classificado pelos chinezes immediatamente depois de KHOUNG-TSEU, cujas doutrinas expoz e desenvolveu, e o qual olhava como o maior instituidor do genero humano que os seculos tem produzido. «Depois que ha homens, dizia elle, ainda não appareceu um só comparavel a KHOUNG-TSEU.» A exemplo d'este grande mestre, viajou com seus discipulos (que foram em numero de dezesete) nos differentes pequenos estados da China, introduzindo-se na corte dos principes, com os quaes philosophava, dando-lhes repetidas lições de politica e sabedoria, com que muito utilisavam. Como KHOUNG-TSEU, o alvo das suas doutrinas era a felicidade de seus compatriotas e da humanidade toda.

Sua politica parecia ter uma expressão mais pronunciada e decidida que a de seu mestre. Esforçando-se por fazer comprehender aos governantes e governados seus deveres reciprocos, tendia a submetter todo o imperio chinez á dominação de seus principios. De um lado ensinava aos povos o direito divino que os reis tinham a regular, e de outro ensinava aos reis que o seu dever era consultar os desejos dos povos, e enfrear-lhes o exercicio de sua tyrannia; n'uma palavra, serem *o pae e mãe do povo*. MENG-TSEU era um homem de principios independentes, e, revestidor sagaz e incorruptivel do poder, não deixava nunca passar um acto de oppressão nos estados com os quaes tinha relações, sem o reprehender severamente.

Sua maneira de philosophar é a mesma de Socrates e Platão, mas com mais vigor e espirito. Maneja perfeitamente a ironia, e esta arma, nas suas mãos,

(1) Lûn-yù, cap. I. § I.
(2) Id. cap. V, § 19.
(3) Id. cap. IX, § 6.
(4) Id. cap. XV, § 30 e 31.

(1) Lûn-yù, cap. VI, § 9.
(2) Id. cap. XVII, § 22.

é muito mais perigosa e aguda que nas do sabio Socrates.

Eis o que diz um escriptor chinez do livro de MENG-TSEU (Mencio): «Os assumptos tratados n'esta obra são de diversas naturezas. Aqui, examinam-se as virtudes da vida individual; alli, discutem-se os negocios. Aqui, promulgam-se, pelo exercicio de um bom governo, os deveres dos superiores, desde o soberano até ao magistrado do ultimo grão; alli, expõem-se os trabalhos dos estudantes, dos lavradores, dos artifices, dos negociantes; no decurso da obra descreve-se occasionalmente as leis do mundo physico, do ceo, da terra, das montanhas, dos rios, dos passaros, dos quadrupedes, dos peixes, dos insectos, das plantas; um grande numero de negocios que MENG-TSEU tratou no curso da sua vida, no seu commercio com os homens; seus discursos de occasião com as pessoas de todas as condições; instrucções que deu a seus discipulos; suas explicações dos livros antigos e modernos. Narra tambem os factos historicos, os ditos dos antigos sabios, para instrucção da humanidade.»

M. Abel Rémusat caracterisou assim os dois philosophos mais celebres da China:

«O estilo de MENG-TSEU, menos elevado e conciso que o do principe das letras (KHOUNG-TSEU), é tão nobre, mais florido e elegante. A fórma do dialogo, conservada nos seus entretenimentos philosophicos com os grandes personagens do seu tempo, comporta mais a variedade que não se encontra nos apophthegmas e maximas de Confucio. O caracter de sua philosophia differe tambem sensivelmente. Confucio é sempre grave, mesmo austero; exalta a gente de bem, de que faz um retrato ideal, e não falla dos homens viciosos senão com uma fria indignação. MENG-TSEU, com o mesmo amor pela virtude, parece ter pelo vicio mais desprezo do que horror; ataca-o pela força da razão e do ridiculo. O seu modo de argumentar assimilha-se muito da ironia que se attribue a Socrates. Não contesta os seus adversarios; mas, concordando nos principios que elles expõem, limita-se a tirar-lhes consequencias absurdas, que os cobrem de confusão.»

Não se póde ler as obras dos dois primeiros philosophos chinezes sem nos sentirmos melhores, e recebermos uma idéa mais elevada da dignidade da nossa natureza. N'um tempo onde o sentimento moral parece corromper-se e perder-se, e a sociedade marchar cegamente no caminho exclusivo dos instinctos materiaes, não será inutil repetir as instrucções de alta e divina razão que o maior philosopho da antiguidade oriental deu ao mundo.

Aqui termina a introducção, com pequenas omissões, de que M. G. Pautier precede a sua intelligente e difficil traducção dos *Quatro Livros Classicos*.

Agora passâmos a apresentar o nosso trabalho. É uma escolha das maximas e pensamentos mais bellos dos admiraveis philosophos, feita sobre a traducção de M. Pautier.

O resumo não é muito longo, e cremos que o leitor o ha de ler com interesse e prazer.

*(Continúa).*

## ESTUDOS BIOGRAPHICOS.

### JOSÉ MAURICIO, PROFESSOR DA CADEIRA DE MUSICA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

IV.

Bem desejára eu, por satisfação minha propria, e para aprazer aos leitores, offerecer-lhes uma noticia completa e circunstanciada da vida e acções do nosso professor conimbricense, pelo que diz respeito á successão clara e ordenada dos factos. Desejaria não menos poder apreciar devidamente o seu merito artistico, entrando nas considerações geraes da esthetica, e fazendo das regras d'esta especial applicação ás composições que nos ficaram de tão abalisado mestre. Inhibido, porém, de tratar a segunda parte por falta do cabedal necessario, como profano, jámais iniciado nos mysterios da arte, nem a primeira poderei desempenhar como cumpria. Privado pela distancia de emprehender pessoalmente quaesquer investigações locaes (de que resultasse um conjuncto de noticias, que a critica devêra depois estremar sisudamente, joeiranda-as no crivo da discrição prudente e cautelosa) é forçoso que o meu empenho se limite por agora a registar, antes que de todo se evaporem na serie dos tempos, as poucas e dispersas memorias que pude recolher, não sem custo, e auxiliado por alguns amigos, ou por sujeitos benemeritos, que com ellas me favoreceram. Merece entre estes menção mais particular o sr. doutor Francisco da Fonseca Corrêa Torres, actual thesoureiro-mór da sé de Coimbra, associado provincial da academia das sciencias, pessoa digna por muitos titulos de veneração e estima. Este diligente cultor das letras, discipulo que foi de José Mauricio, e zeloso admirador do talento musical de seu mestre, dera-se com curiosidade a colligir os factos da vida d'aquelle, não ainda de todo obliterados pela mão dos annos. Sabedor do apuro em que me achava, veiu espontaneamente em minha ajuda, facultando-me com a mais cordial benevolencia o resultado de suas pesquizas, e o fructo de antigas reminiscencias. A elle devo pois a melhor parte das informações, que se vão ler ácerca da pessoa e feitos de José Mauricio.

Antes de proseguir, seja-me permittido renovar aqui uma advertencia, já por vezes feita, mas cuja repetição está longe, ao que me parece, de merecer a nota de superflua: considero-a, pelo contrario, uma satisfação necessaria. Ninguem espere de mim, como de qualquer outro, mais do que podêmos dar. Os grãos de talento são em cada um differentes, bem como são deseguaes as vocações. No que me diz respeito, habituado na primavera da vida aos estudos aridos e especulativos, capazes de abater os vôos da imaginação ainda n'aquelles que a natureza dotou em maior copia das faculdades inventivas, tenho de conter-me nos limites, que não ousaria transpor sem perigo de immediato e inevitavel despenho. Idéas arrojadas, pensamentos brilhantes, combinações vastas e fecundas, proprias d'uma imaginação ardente e extasiada, que traduzidas depois em phrases pomposas e bem calculadas, conseguem arrebatar e attrahir os animos dos que as lêem ou escutam, são cousas reconhecidamente superiores ao meu talento, e que a minha debil intelligencia não comporta. Indagação miuda e imparcial dos factos, aferida sempre pelo typo da critica, tal qual o intendimento a concebe; ingenuidade bastante para não avançar um passo alem do que a consciencia dá por certo e averiguado, e para confessar a duvida, quando não ha meio para resolvel-a; em fim, docilidade sufficiente para acatar a verdade, sempre que ella se apresenta a lançar por terra o imperio das ficções, por mais arraigadas e plausiveis que pareçam; eis o que posso prometter de mim; isto me propuz em alguns toscos bosquejos até agora traçados, e o mesmo pretendo fazer nos seguintes, se ainda assim acharem graça e indulgencia nos olhos do publico illustrado.

Mais uma reflexão, e terminemos. O obreiro diligente, que talha e apparelha as pedras e o cimento, com que para o diante algum architecto mais habil ha de construir o monumento consagrado á immortalidade, não tem respectivamente menor trabalho,

e merece tambem sua remuneração proporcional. Debalde aquelle pretenderia edificar, se o outro lhe não preparasse os materiaes. Um e outro concorrem para o mesmo fim, e são igualmente condignos de retribuição da parte dos que hão de utilisar-se de suas fadigas.

Assim, estes perfis biographicos, embora grosseiramente desenhados, são comtudo esboços fieis, que depois de retocados e coloridos pelo pincel de artista idoneo, podem facilmente transformar-se em quadros de valia, que transmittam á posteridade as feições e traços caracteristicos dos que em vida adquiriram direitos á consideração e estima de seus patricios, na terra que lhes deu o ser.

Cortemos o fio á digressão, e entremos na materia; que não faltará já quem me accuse de abusar da paciencia dos leitores, entretendo-os com estas trivialidades.

V.

José Mauricio foi, como já disse, natural de Coimbra, e nasceu a 19 de Março de 1752. Pelos livros de registo pertencentes á antiga freguezia de Santa Justa da mesma cidade, na qual se lhe conferiu o sacramento do baptismo, consta ser filho legitimo de Manoel Luiz d'Assumpção e de Rosa Maria de Santa Theresa. O pae exercia o logar de guarda dos carceres da Inquisição; e d'ahi se tira um argumento irrecusavel em abono da limpeza do seu sangue, se attentarmos para o escrupulo e melindre que havia sobre este ponto, da parte do tribunal, na escolha dos seus familiares e empregados. Consta mais, que assistiram áquelle acto o padre João Mauricio Xavier Baptista, na qualidade de padrinho, e na de madrinha Isidora Jacintha: os nomes dos avós paternos e maternos, posto que tambem exarados no assento, parece-me que podem mui bem omittir-se, pois que da falta d'elles não resulta inconveniente algum para o assumpto sujeito.

Da infancia de José Mauricio pouco ou nada se póde descobrir com visos de certeza. Faltam de ha muito as testimunhas oculares; e as tradições recolhidas são mais que escassas e deficientes n'este, e n'outros similhantes pontos. Sabe-se que elle tomára ordens menores; mas ignora-se ainda em que tempo, bem como o motivo porque deixou de receber as sacras. Que não teve estas ultimas é facto averiguado; sendo-o tambem que, apesar d'isso, trajára sempre habitos talares ecclesiasticos, usando-os constantemente, assim no exterior, como dentro de sua casa, por todo o tempo que a vida lhe durou.

Póde dar-se como certo, que antes do anno de 1768, em que completára os dezeseis d'edade, tinha já concluido os estudos de humanidades, que a lei exigia para a frequencia das aulas da universidade; pois que n'esse anno apparece matriculado no curso de theologia, não constando, porém, que chegasse a fazer acto n'esta faculdade.

Um distincto lente da academia, seu patricio, ainda hoje vivo, e que o tratou familiarmente nos ultimos annos, conserva idéa de que elle seguira até ao terceiro do curso medico; e que isso tivera logar antes da reforma da universidade em 1772. A confusão e falta de documentos anteriores a essa epocha, que se nota no respectivo cartorio, torna hoje sobremaneira difficil, e talvez impossivel, averiguar com exactidão esta especie. Entretanto, não parece conciliavel a supposta frequencia do curso medico com a do theologico; e póde ser que a memoria do illustre professor o não sirva n'este caso tão fielmente como seria para desejar.

Debalde interrogâmos a tradição, na ausencia de documentos escriptos, para sabermos quando e como começou a desenvolver-se em José Mauricio a vocação musical; quem fossem os seus primeiros mestres, e onde adquiriu os rudimentos da arte, em que veiu depois a tornar-se tão eximio professor. Um silencio inescrutavel, servindo como de resposta a todas estas questões, priva os leitores de poderem satisfazer quanto a esta parte, a sua justa curiosidade.

Rapidos e consideraveis deveriam comtudo ter sido os seus progressos, se houvermos de guiar-nos pelas primeiras noticias, que a este respeito se offerecem com o caracter de veridicas. Ellas nol-o dão servindo em tempo, ainda que incerto, muito anterior a 1789, o logar de mestre de capella na sé cathedral da Guarda. Tal exercicio suppõe n'elle a proficiencia e idoneidade necessarias para o desempenho d'um cargo, a que andava então provavelmente annexa a regencia da aula de musica, creada pelo bispo D. Jeronymo Rogado do Carvalhal e Silva, em epocha não mui arredada do anno de 1773, no qual este prelado veiu para alli transferido da cadeira episcopal de Portalegre.

Tambem se affirma que antes, ou depois d'este periodo, José Mauricio fizera uma jornada a Salamanca, cidade ainda mui celebre pela herdada fama de suas escholas; e que ahi permanecêra por algum tempo.

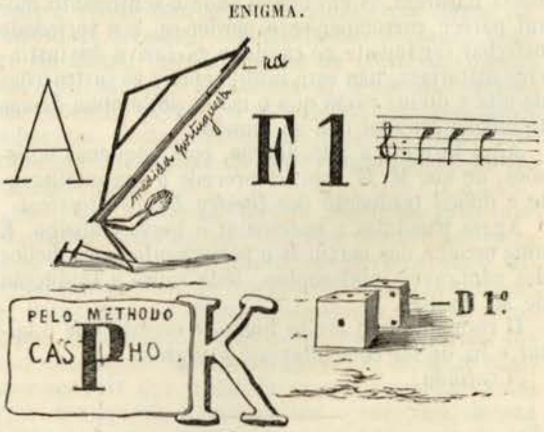
Não se diz o motivo certo de tal digressão; mas, se valem n'este caso presumpções não destituidas de fundamento verosimil, póde-se conjecturar que alli o conduzisse o proposito de aperfeiçoar os seus conhecimentos na arte que já cultivava, indo tratar e ouvir de perto os insignes professores que então floreciam n'aquella cidade.

Não seria difficil a outro, dotado d'imaginação mais fertil, e que estivesse menos que eu persuadido do dever que incumbe ao biographo de não desviar-se um só apice da verdade, alargar as dimensões d'este capitulo, e tornal-o até mais interessante e aprazivel aos olhos dos que o lessem. Poderia romancear a seu modo, e supprir com inducções colhidas no campo das conjecturas a obscuridade e lacunas, que offerecem as memorias obtidas. Quanto a mim, como não pretendo aventurar-me a ficar desmentido no futuro pela authenticidade dos factos, se algum dia vierem á luz os que ora se occultam a toda a investigação, contento-me de narrar concisa e singelamente o pouco de que hei certeza.

*(Continúa.)*

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

ENIGMA.




*Explicação do enigma do numero antecedente.*

A posse é o tumulo do desejo. — *Bastos.*

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 F